

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BARÃO DE MAUÁ  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ANA ELISA DE SOUZA CAMARGO  
EMANUELLE BENTLIN**

**O LÚDICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO INÍCIO DO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN EM AMBIENTE  
DOMÉSTICO**

**Ribeirão Preto  
2021**

**ANA ELISA DE SOUZA CAMARGO  
EMANUELLE BENTLIN**

**O LÚDICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO INÍCIO DO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN EM AMBIENTE  
DOMÉSTICO**

Trabalho de conclusão de curso de  
Pedagogia do Centro Universitário Barão  
de Mauá para obtenção do título de  
licenciatura.

Orientadora: Dra. Mayra Antonelli Ponti

**Ribeirão Preto  
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

L975

O lúdico como instrumento facilitador no início do processo de alfabetização de crianças com Síndrome de Down em ambiente doméstico/  
Ana Elisa de Souza Camargo; Emanuelle Bentlin - Ribeirão Preto, 2021.

50p.il

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do  
Centro Universitário Barão de Mauá

Orientador: Dra. Mayra Antonelli Ponti

1. Lúdico 2. Alfabetização 3. Síndrome de Down I. Camargo, Ana Elisa de  
Souza II. Bentlin, Emanuelle III. Ponti, Maya Antonelli IV. Título

CDU 379.8

Bibliotecária Responsável: Iandra M. H. Fernandes CRB<sup>8</sup> 9878

**ANA ELISA DE SOUZA CAMARGO**

**EMANUELLE BENTLIN**

**O LÚDICO COMO INSTRUMENTO FACILITADOR NO INÍCIO DO PROCESSO DE  
ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN EM AMBIENTE  
DOMÉSTICO**

Trabalho de conclusão de curso de  
Pedagogia do Centro Universitário Barão  
de Mauá para obtenção do título de  
licenciatura.

Data de aprovação: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mayra Antonelli Ponti  
Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Marília Ferranti Marques Scorzoni  
Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Liliane Cury Sobreira  
Centro Universitário Barão de Mauá - Ribeirão Preto

**Ribeirão Preto**

**2021**

Dedicamos este trabalho aos nossos pais.

## AGRADECIMENTO

Eu, Ana Elisa, agradeço em primeiro lugar a Deus por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Aos meus pais, Osvaldo e Roselene, e aos meus irmãos, Luiz e Elias, por serem a minha fonte de inspiração, perseverança, dedicação e foco. Por estarem sempre ao meu lado me apoiando em toda a minha trajetória. Agradeço também a minha parceira Emanuelle pelo companheirismo e carinho nesta caminhada.

As minhas amigas que a faculdade me deu, Amanda, Joice, Karoline, Laís, Larissa, Miriam e Nádia, vocês foram fundamentais para a minha formação, obrigada pela amizade.

Eu, Emanuelle, agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido saúde, força e disposição para fazer a faculdade e escrever este trabalho final. Por sempre ter me mantido de pé com coragem e sabedoria para enfrentar os obstáculos que encontrei ao longo do curso.

Aos meus pais, Débora e Wanderlei, por sempre estarem ao meu lado, acreditando no meu potencial, por todo apoio, incentivo e amor incondicional, não me deixando desistir.

As minhas amigas, Andreza, Gabriela, Marcela, Miriam e Nádia, pelo carinho, paciência, torcida e palavras de conforto nos momentos difíceis. Em especial, a minha dupla Ana Elisa pelo companheirismo, parceria e por dividir esse tema tão encantador comigo.

Em conjunto, agradecemos a todos os professores do curso pelos ensinamentos no decorrer da nossa trajetória acadêmica, em especial a nossa orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Maya Antonelli Ponti pela amizade, atenção, dedicação, por compartilhar o seu tempo e conhecimento conosco, que com sua amorosidade extraiu o nosso melhor, sempre acreditando na nossa capacidade.

“Ensinar não é transferir conhecimento,  
mas criar as possibilidades para a sua  
própria produção ou a sua construção.”  
**(Paulo Freire)**

## RESUMO

O uso de recursos pedagógicos lúdicos, bem como estímulos diversificados, contribui para o processo de alfabetização de crianças com Síndrome de Down (SD). Esses recursos podem estar em ambientes domésticos, onde também se faz importante o apoio e incentivo dos familiares, em especial nessa etapa da vida na qual as crianças estão em alfabetização. O objetivo geral do estudo foi compreender a colaboração dos estímulos em ambiente familiar para o processo de alfabetização em crianças com SD. A metodologia utilizada foi revisão da literatura e entrevista com um pai e uma mãe de crianças com SD. O conteúdo das entrevistas foi analisado por meio da análise de conteúdo. Ao final obteve-se três categorias: uma que descreve a criança com SD; uma sobre a importância do acompanhamento multiprofissional e uma sobre estímulos gerais e recursos pedagógicos lúdicos no ambiente doméstico. Dessa forma, compreende-se que os familiares entrevistados se empenham para prover seus filhos com SD com recursos e profissionais de diversas áreas que colaborem não só com a alfabetização, mas com todo o processo de desenvolvimento. Na visão dos familiares entrevistados são muitas as vantagens que a ludicidade traz para a aprendizagem dessas crianças, principalmente quando envolve diversos estímulos e tem a interação e mediação dos familiares ou profissionais da saúde e educação.

**Palavras-chave:** Lúdico. Síndrome de Down. Ambiente doméstico. Familiares. Alfabetização.



## ABSTRACT

The use of playful pedagogical resources and diversified stimuli contributes to the literacy process of children with Down Syndrome (DS). These resources can be in domestic environments, where the support and encouragement of family members is also important, especially at the stage of life in which children are in the process of literacy. The general objective of the study was to understand the collaboration of stimuli in the family environment for the literacy process in children with DS. The methodology used was literature review and interview with a father and mother of children with DS. The content of the interviews was analyzed through content analysis. At the end, three categories were obtained: one that describes the child with DS; one about the importance of multidisciplinary monitoring and one about general stimuli and playful pedagogical resources in the domestic environment. Thus, it is understood that the interviewed family members strive to provide their children with DS with resources and professionals from various areas who collaborate not only with literacy, but with the whole development process. In the view of the interviewed family members there are many advantages that playfulness brings to the learning of these children, especially when it involves various stimuli and has the interaction and mediation of family members or health and education professionals.

**Keywords:** Playful. Down Syndrome. Home environment. Family members. Literacy.

## **LISTA DE SIGLAS**

<b>AEE</b>	<b>Atendimento Educacional Especializado</b>
<b>CAAE</b>	<b>Certificado de Apresentação de Apreciação Ética</b>
<b>QI</b>	<b>Quociente Intelectual</b>
<b>SD</b>	<b>Síndrome de Down</b>
<b>TCLE</b>	<b>Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b>
<b>TO</b>	<b>Terapeuta Ocupacional</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Categorias Iniciais</b>	<b>34</b>
<b>Quadro 2 - Categorias Intermediárias</b>	<b>41</b>
<b>Quadro 3 - Categorias Finais</b>	<b>43</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
1.1	Síndrome de Down .....	15
1.2	Aprendizagem por meio da ludicidade e o incentivo da família.....	18
1.3	A aplicação da ludicidade para a inclusão de crianças com Síndrome de Down .....	23
1.4	Justificativa.....	28
1.5	Problemas de pesquisa .....	29
1.6	Objetivos .....	29
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>30</b>
2.1	Participantes .....	30
2.2	Procedimento de coleta de dados .....	30
2.3	Instrumento de pesquisa .....	31
2.4	Análise das entrevistas.....	31
2.5	Resultados .....	32
<b>3</b>	<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem escrita e da leitura são processos de aprendizagem muito esperados na vida social, em especial na vida de uma criança durante a alfabetização. O educador Paulo Freire (1983 apud KUCYBALA, 2018, p.40) afirma que “a alfabetização é um ato criador, no qual o sujeito é agente da aprendizagem na medida em que vai aprendendo e compreendendo a leitura e a escrita”. Os processos de desenvolvimento e aprendizagem não se dão de maneira separada e a família possui grande influência nessa caminhada, seja ausente ou presente. Cabe principalmente à família a formação do caráter da criança e sua inserção na sociedade. Para Celia (2013),

A criança também necessita encontrar no ambiente condições propícias para ser estimulada adequadamente e se sentir mais personalizada, a ponto de aquilo que lhe ofereçam (ambiente) ser justamente aquilo de que necessita. Quando isso acontecer, conseqüentemente a criança desenvolverá melhor a personalidade, ou seja, o seu “eu” (CELIA, 2013, p.45).

Para além da formação de aspectos do caráter e personalidade, a família influencia todos os outros aspectos do indivíduo, entre eles a aprendizagem. Um dos grandes marcos da aprendizagem na sociedade moderna é a alfabetização (TEBEROSKY, 2020). A família que participa ativamente na alfabetização de seus filhos torna-se referência na vida dos mesmos. Conforme Gallart (2007, p. 53) “a participação de membros da família em atividades de formação cria novas práticas letradas e novos referenciais educativos nos ambientes dos meninos e das meninas”. De acordo com a mesma autora,

A aprendizagem da leitura e da escrita começa muito antes da incorporação no mundo da escola, e os conhecimentos sobre a escrita e as atitudes para a leitura foram se desenvolvendo em função das interações no seio familiar (GALLART, 2007, p. 45).

O início da alfabetização é um processo educacional que demanda tempo e dedicação, mas que pode acontecer de maneira muito fácil e natural quando os pais, familiares ou cuidadores, incentivam os seus filhos desde cedo a terem um contato com o mundo letrado, como por exemplo o hábito de contar histórias para as crianças antes de dormir. Realizar a leitura diariamente pode gerar resultados satisfatórios para

o desenvolvimento da criança, pois essa prática desenvolve a sua criatividade, imaginação e interesse pelo universo dos livros. Para Paula (2012, p. 9) “os hábitos e costumes da criança são influenciados pelo meio em que vivem [...] o hábito da leitura e escrita no contexto familiar possibilitará maior estímulo para que a criança compreenda o valor desse ato no seu dia-a-dia”.

Porém, a leitura pode ter também propósitos concomitantes de aprendizagem, alguns de sentido amplo, como ficar habituado ao estilo formal da linguagem escrita, e outros mais analíticos, como reproduzir os discursos diretos dos personagens ou aprender um vocabulário novo. [...] Isto é, a leitura é uma contribuição fundamental para o aumento do vocabulário (RIBERA; TEBEROSKY, 2007, p.62).

É necessário criar um ambiente estimulante e contextualizado, de maneira que os ensinamentos possuam uma relação com o cotidiano da criança fazendo com que ela futuramente, ao adentrar no ambiente escolar, possua uma bagagem muito grande de conhecimento prévio que irá resultar em um melhor desempenho escolar.

Conforme Bles (2018, p.144) “um ambiente alfabetizador possui a capacidade de despertar o interesse, motivar, estimular e desafiar os alunos a continuarem buscando aprender a ler e escrever”.

No entanto, um desafio a mais acontece quando os familiares possuem crianças com Síndrome de Down (SD). A SD é uma condição geneticamente causada por uma divisão celular anormal durante a divisão embrionária que resulta em material genético extra do cromossomo 21. Indivíduos com SD apresentam particularidades na forma de compreensão do mundo (PEREIRA, 2014), sendo assim, a alfabetização dessas crianças exige um olhar diferenciado, as atividades devem ser adaptadas para que sejam de fácil entendimento e compreensão devido às dificuldades de atenção, cognição, memória e linguagem (BASSANI, 2012). Dessa forma, tanto familiares quanto a escola se deparam com a necessidade de adequar e diversificar as metodologias de aprendizagem para que as crianças com necessidades educacionais especiais possam progredir na obtenção de conhecimentos.

[...] a metodologia utilizada para ensinar habilidades matemáticas ou de leitura/escrita, ao portador da síndrome de Down, devem desenvolver tarefas específicas, adaptadas as características individuais de cada criança, proporcionando situações que deem sentido aos conhecimentos que devem ser ensinados, para que os portadores da síndrome possam se superar no processo de aprendizagem (BASSANI, 2012, p. 15).

O ensino da leitura e escrita são um dos principais desafios. Nessas circunstâncias, é viável a família buscar métodos diferenciados como materiais diversificados e metodologias alternativas para nortear o caminho dessa aprendizagem, que deve ser significativa e atrativa para a criança com Síndrome de Down. Segundo Chalita (2001, p. 27 apud PAULA, 2012, p. 6) “a alfabetização tem de ser acompanhada pela família. Os primeiros escritos, o incentivo à leitura, os brinquedos pedagógicos”.

Nesse aspecto, o lúdico (uso de jogos pedagógicos, brinquedos e brincadeiras) se constitui em uma prática pedagógica que, além de divertir, permite à criança com Síndrome de Down explorar seus movimentos, o espaço em que está inserido, manipular objetos, desenvolver a motricidade fina e grossa, além de potencializar sua interação, criatividade e interesse pelo o que está a sua volta, ampliando suas descobertas e experiências (SILVIA; PELOSI, 2018). De acordo com Fortuna (2013) é preciso acreditar no potencial do brincar para o ensino e a aprendizagem. “O lúdico não deve dissociar-se da alfabetização e do letramento, ao contrário, esses processos são complementares e necessários” (NUNES, 2018, p. 205).

O brincar é a atividade mais importante para o desenvolvimento da criança, pois estimula as aptidões físicas, mentais e emocionais. Por meio de atividades lúdicas, a criança poderá compreender e construir conhecimentos, facilitando a aprendizagem e os processos de socialização, comunicação e expressão (SILVIA; PELOSI, 2018, p. 51).

## 1.1 Síndrome de Down

A Síndrome de Down (SD) é uma condição genética, que ocorre durante ou imediatamente após a concepção, causada por uma divisão celular anormal durante a divisão embrionária que resulta em material genético extra do cromossomo 21.

Todas as células do nosso corpo contêm 46 cromossomos divididos em pares, ou seja, são 23 pares de cromossomos dentro de cada célula. [...] Na síndrome de Down, o número de cromossomos presentes nas células é diferente do convencional. A alteração genética, presente na pessoa com síndrome de Down, consiste na presença de um cromossomo extra no par 21, sendo assim, receberá 47 cromossomos (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p.26).

Após o nascimento do bebê, é realizado o exame cariótipo que irá confirmar a síndrome e que tipo de Síndrome de Down a criança apresenta. Esse exame “é

realizado a partir de amostras de sangue após o nascimento, por meio da coleta do líquido amniótico ou do sangue do cordão umbilical” (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p.27). Há dois exames que podem ser feitos durante a gravidez para detectar a presença dessa doença genética, porém o exame mais preciso é o cariótipo. A amniocentese é um método realizado a partir do líquido amniótico em volta do feto, é indicado fazer entre 15 a 20 semanas de gestação. “A amniocentese é uma avaliação citogenética que permite detectar a existência de alguma malformação, estabelecer o sexo fetal e verificar patologias ligadas ao sexo” (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p.27). O segundo exame é a ultrassonografia para medir a espessura da Translucência Nucal (TN) do feto. O feto que possuir um acúmulo de líquido maior na área da nuca pode ter algumas doenças, entre elas a Síndrome de Down.

Translucência nucal (TN) é um espaço com líquido (linfa) que pode ser observado na região da nuca em fetos com três a quatro meses de gestação. [...] A TN, quando aumentada, não é capaz de garantir a presença de síndrome de Down; no entanto, nesse grupo de pacientes, que corresponde a 5% da população, encontram-se aproximadamente 80% de todos os fetos com Down (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p.27).

Existem três tipos de Síndrome de Down, que são: trissomia 21, mosaico e translocação. A trissomia 21 ocorre em 95% das pessoas com a SD, é a mais conhecida e recorrente entre os casos, a qual inicia este capítulo com sua definição. A síndrome do tipo mosaico ocorre em cerca de 2% dos indivíduos com SD. Nesse caso, uma parte das células é afetada pela alteração genética com a trissomia do par 21. O restante das células não possui trissomia, ficando com 46 cromossomos cada uma.

Este é o único tipo de síndrome de Down que não ocorre antes nem no momento da fertilização, mas nas primeiras divisões celulares após a fertilização. [...] por um erro na mitose, uma célula de 46 cromossomos dá origem a uma célula de 47 e outra de 45 cromossomos. A célula de 45 cromossomos não sobrevive, e a de 47 sobreviverá, e sua mitose originará outras células com 47 cromossomos. Assim, teremos em um mesmo organismo células dando origem a outras com 46 cromossomos e células originando outras com 47 cromossomos (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p.31).

Na translocação, o cromossomo extra do par 21 fica aderido a outro cromossomo. Esse tipo de síndrome ocorre em aproximadamente 3% das pessoas com SD. “[...] no cariótipo desse indivíduo, é possível notar que o cromossomo extra



está conectado a outro cromossomo, normalmente ao cromossomo 14 ou a outro 21” (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p. 29).

As características físicas das pessoas com SD são as mesmas independentemente do tipo de síndrome que o indivíduo possui. Entre elas, podemos citar: orelhas pequenas com baixa implantação, nariz pequeno, língua hipotônica, boca e dentes pequenos, cabelos finos, olhos amendoados, mãos menores, mais largas e com dedos mais grossos, prega transversal (as pessoas com SD possuem uma linha única que atravessa a palma da mão horizontalmente, sendo que o convencional são três linhas), os pés apresentam uma distância maior entre o polegar e o dedo indicador.

No aspecto motor, o indivíduo com Síndrome de Down possui hipotonia muscular que é a “falta de tônus muscular, o que torna a pessoa com Síndrome de Down mais flexível, com músculos mais fracos e movimentos mais lentos” (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p. 35). Dessa forma, a criança com SD engatinha, senta e anda mais tarde, sendo importante o estímulo precoce do fortalecimento muscular da mesma para que tenha um melhor avanço no seu desenvolvimento corporal. Para isso, é preciso desenvolver a coordenação motora fina e grossa. A coordenação motora grossa é responsável por grandes grupos musculares que envolvem o corpo todo. A coordenação motora fina é responsável por pequenos músculos como as mãos, que são movimentos que exigem maior precisão, sendo que esses ajudarão no processo de escrita e alfabetização da criança.

Por fim, a pessoa com Síndrome de Down possui transtorno do desenvolvimento intelectual, ou deficiência intelectual.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a deficiência intelectual (DI), antigamente denominado retardo mental, como uma capacidade significativamente reduzida de compreender informações novas ou complexas e de aprender e aplicar novas habilidades (inteligência prejudicada). Ela é caracterizada, essencialmente, por alterações, durante o período de desenvolvimento, das faculdades que determinam o nível global de inteligência, isto é, das funções cognitivas, de linguagem, habilidades motoras e capacidade social [...] (PEREIRA, 2014, p. 1).

Testes que mensuram o Quociente Intelectual (QI), utilizados para medir a capacidade de raciocinar, conceituar e pensar, o indivíduo com SD apresenta

deficiência intelectual, mais recentemente nomeado de transtorno do desenvolvimento cognitivo, de leve a moderada.

Na antiga avaliação, que ainda é utilizada, dentro da deficiência mental, temos três grupos: deficiência mental leve (QI entre 55 e 70), deficiência mental moderada (QI entre 40 e 55) e deficiência mental profunda (QI de 25 a 40). A maioria das crianças com síndrome de Down apresenta deficiência mental leve a moderada (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p.33).

Uma das grandes preocupações das famílias que possuem filhos com SD é saber se eles conseguirão aprender. Na maioria das vezes, essas crianças conseguem aprender a ler, escrever e realizar operações matemáticas. Para que isso aconteça, é preciso ter estímulo diário e contínuo, apoiar a criança e acreditar que ela é capaz de fazer determinada tarefa. Não podemos rotular a criança/aluno com Síndrome de Down. Cada um tem o seu ritmo e tempo de aprendizagem, com amor, respeito a individualidade da criança, paciência e dedicação é possível trilhar caminhos muito satisfatórios.

As crianças com síndrome de Down são capazes de aprender muitas coisas: ler, escrever, tocar instrumentos, andar a cavalo, dançar, nadar etc. No entanto, muitas vezes, precisam de um tempo maior que outra criança precisaria para processar as informações e aprender. Com paciência e persistência, esses indivíduos surpreendem as famílias e os profissionais (DÉA; BALDIN; DÉA, 2009, p.33).

## 1.2 Aprendizagem por meio da ludicidade e o incentivo da família

De acordo com o minidicionário Houaiss da língua portuguesa (2009, p. 471) lúdico é um substantivo masculino que tem a seguinte definição: “relativo a jogo, brinquedo”. Para a autora Fortuna (2013, p. 50) “o termo de maior abrangência é *ludus*, de origem latina, que remete às brincadeiras, jogos de regras, competições, recreação e às representações teatrais e litúrgicas [...] Dele deriva o termo lúdico, que significa tanto brincar como jogar”.

A brincadeira e o jogo permitem uma experiência significativa no aprender que deve ser propiciada no dia a dia da criança.

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por

meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

Para o pensador Vygotsky (1989 apud NUNES, 2018, p. 206), que em suas análises estabeleceu uma relação entre o jogo e a aprendizagem, nos diz que “o jogo contribui para o desenvolvimento intelectual, social e moral, isto é, para o desenvolvimento integral da criança”. A ludicidade nos permite diversas aprendizagens por meio do uso de jogos pedagógicos, brinquedos e brincadeiras, como capacidade de percepção, raciocínio, expressar emoções, interações sociais, criatividade, imaginação, desenvolvimento da linguagem, coordenação motora fina e grossa. Como também experiências afetivas, expressivas, gestuais e verbais. Desenvolve a independência, lateralidade, enriquece o vocabulário, conceitos matemáticos (forma, quantidade, tamanho, espaço, tempo, ordem), consciência fonológica, entre outros diversos aspectos (NUNES, 2018).

[...] por meio do jogo, a criança consegue definir conceitos e criar situações que desenvolvem a sua atuação em situações reais. É possível dizer então, que para esse autor o jogo aparece no mundo imaginário e contribui para o desenvolvimento do sujeito, de modo que as interações sociais levam a uma aprendizagem (VYGOTSKY, 1989 apud NUNES, 2018, p. 207).

O uso do lúdico para a aprendizagem deve ser intencional e direcionado a um objetivo. A seleção de qual vertente lúdica utilizar com a criança com SD deve ocorrer de forma cuidadosa. É importante observar qual a demanda da mesma, quais as necessidades, que pontos ela precisa desenvolver ou aprimorar, o que chama sua atenção, sempre respeitando o estágio de desenvolvimento que o indivíduo se encontra para evitar frustrações tanto por parte da criança quanto dos familiares (MUNSTER, 2009).

Ao brincar com uma criança com síndrome de Down, o conhecimento das características da atividade lúdica em associação aos diferentes estágios de desenvolvimento infantil é uma referência importante, pois pode auxiliar no processo de escolha e seleção de brinquedos e brincadeiras mais indicados a cada situação (MUNSTER, 2009, p. 275).

Nesse contexto, Piaget nos ajuda a compreender sobre os quatros estágios de desenvolvimento infantil em relação ao lúdico, que são eles: sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operacional (2 aos 6-7 anos), estágio das operações concretas (7 aos 12 anos) e estágio de operações formais (adolescência). Para a presente pesquisa, iremos focar brevemente nos três primeiros estágios (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

O estágio sensório-motor é marcado por características como reflexos primitivos que são “ações espontâneas que surgem automaticamente em presença de certos estímulos [...] Os esquemas reflexos caracterizam a atividade cognitiva da criança no seu primeiro mês de vida” (CAVICCHIA, 2010, p. 4); atos repetitivos como a sucção do polegar; permanência do objeto, ou seja, o entendimento de que o objeto continua existindo mesmo quando está fora de vista; experimentação (novos sons, expressões faciais, diferentes formas de manusear um objeto) e o simbolismo que é quando a criança “começa a ser capaz de representar o mundo exterior mentalmente em imagens, memórias e símbolos, que é capaz de combinar sem o auxílio de outras ações físicas” (CAVICCHIA, 2010, p. 9). Sendo assim, nessa fase é importante a criança ter contato com brinquedos que estimulem os órgãos do sentido, objetos para manipular, locomover, que produzem sons, com texturas diferentes. No simbolismo, por volta dos 2 anos, a criança começa a imaginar, inventar, a brincar de “faz de conta” (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

O segundo estágio conhecido como pré-operatório ou simbólico é marcado pelo desenvolvimento da linguagem; egocentrismo intelectual, quando o indivíduo se centra somente no seu ponto de vista, sentimentos e ações; raciocínio transdutivo, quando a criança dá uma mesma explicação para situações parecidas, procura estabelecer uma relação causa-efeito; a imitação é um ponto bastante presente nessa fase,

O sujeito adquire a capacidade de representar os fatos ou histórias do cotidiano, por meio da imitação, linguagem, ou desenho, que são variadas condutas de representação simbólica de expressão do indivíduo de seus desejos, conflitos etc (SOUZA; WECHSLER, 2014, p. 138).

Nesse estágio, é característico também a irreversibilidade, ou seja, a criança ainda não é capaz de compreender que uma bolinha de massa de modelar pode ser transformada em uma minhoca, e que a minhoca pode ser novamente transformada

em bolinha. Para ela, a bolinha possui menos massa que a minhoca e que essa transformação não seria possível. Assim como, não consegue entender que 10 ml de água pode ser despejado em recipientes com largura e altura diferentes. Para a criança, o recipiente maior terá um volume de água maior. Aos cinco anos de idade, o indivíduo consegue compreender melhor essas mudanças, pensa de forma semirreversível. A reversibilidade total estará presente no estágio operatório concreto (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

Outro ponto é o pensamento intuitivo, que ocorre entre os cinco e sete anos, “idade em que a criança tem o pensamento intuitivo baseado na percepção, não possuindo respostas totalmente lógicas” (SOUZA; WECHSLER, 2014, p. 140). Assim como, possui a dificuldade de estabelecer regras durante um jogo em grupo, cada uma segue sua própria regra. É comum também o nominalismo, ou seja, a criança nomeia objetos de acordo com a sua imaginação, além de colocar sentimentos humanos nos objetos ao seu redor. Vive entre a fantasia e a realidade, enxerga na caixa de fósforo um avião, por exemplo, ou transforma a vassoura em um cavalo. Dessa forma, as brincadeiras de “faz de conta” ficam mais fortes nesse período, brincam de casinha, conversam com os brinquedos, imitam bichos, representam papéis, montam prédios, castelos, gostam de blocos de madeira e peças de lego (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

O terceiro estágio conhecido como operatório concreto é marcado pela reversibilidade lógica, compreende os números operatórios, conservação de quantidade, volume, peso, desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem e causalidade, pensa de forma lógica e concreta, consegue resolver operações matemáticas. A criança participa de grupos maiores e estabelece uma boa relação. É capaz de liderar ou ser liderada, tem comportamento cooperativo. Nesse período, as crianças se interessam pelos jogos e competições, como jogos esportivos, de tabuleiro, apostar corrida, que ajudam no estabelecimento de regras, estimulam a socialização e integração, assim como o desenvolvimento moral e intelectual (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2004).

A criança já não é mais tão egocêntrica, ou seja, não está mais tão centrada em si mesma e já consegue se colocar abstratamente no lugar do outro, dando-se um aumento da empatia com os sentimentos e as atitudes com os outros [...] Neste estágio as crianças discutem os diferentes pontos de vista podendo respeitar e compreender a opinião do colega e justificar e defender a própria, assim o egocentrismo desaparece quase totalmente (SOUZA; WECHSLER, 2014, p. 144).

Dessa forma, é nítido as contribuições positivas que os jogos, brinquedos e brincadeiras trazem para o desenvolvimento pessoal e aprendizagem integral da criança. Kishimoto (1996, p. 37) nos ensina que "a utilização do jogo potencializa a exploração e a construção do conhecimento, por contar com a motivação interna, típica do lúdico". Por meio disso, é importante que os familiares insiram esse mundo lúdico dentro de suas casas, criando ambientes estimulantes que instiguem a curiosidade da criança com SD que a levará a construir conhecimentos diversos. Para Costa, Silva e Souza (2019, p. 8) "as famílias são os primeiros núcleos formativos dos sujeitos, portanto, possuem um papel fundamental no processo de ensinoaprendizagem das crianças".

[...] o papel da família é de suma importância, pois é por meio das atividades do dia a dia, da participação conjunta dos pais que começará o processo de estimulação precoce, proporcionando maior colaboração no processo de aprendizagem desse indivíduo (BASSANI, 2012, p. 3).

Diante do exposto, no local em que a criança mora, os cômodos e objetos principais como móveis e eletrodomésticos, por exemplo, podem ser nomeados com letras e figuras que representam aquele lugar ou objeto, ajudando no reconhecimento do espaço, de modo que o familiar leia para a criança o nome, para que serve, fazendo com que a mesma vá assimilando aqueles conhecimentos que com o tempo ela passará a identificar sozinha, sabendo o que significa, para o que serve. "A família é a sala de aula primordial na educação da criança" (GÓMEZ; TERÁN, 2009, p. 101 apud PAULA, 2012, p. 4). Além disso, oferecer a criança recursos pedagógicos educativos que chamem sua atenção, sejam atrativos, coloridos, despertando a sua curiosidade, criatividade e desejo em aprender como letras de diversos tamanhos, cores e texturas para conhecer as letras do alfabeto e montar palavras; jogo da memória; jogos de associar figuras e letras ou palavras; contação de história com fantoches; números de tamanhos, cores e texturas diferentes; ábaco; material dourado; blocos lógicos; brinquedos de encaixe; brinquedos sensoriais; atividades com linha, prendedor, palito de sorvete que irão trabalhar a motricidade fina. São muitas as possibilidades de estímulos lúdicos visuais, sensoriais e motores que irão contribuir e auxiliar para o desenvolvimento da criança com SD como um todo, com ênfase na área da linguagem e do raciocínio-matemático. "Como quaisquer outras, as crianças com Síndrome de Down necessitam de oportunidades lúdicas e precisam ser

respeitadas em sua maneira de brincar e interagir com os brinquedos” (MUNSTER, 2009, p. 279).

A música é um instrumento lúdico que trabalha diversos aspectos do desenvolvimento infantil como atenção, concentração, memória, sensibilização, percepção sonora, expressão corporal, criatividade, auxilia na oralidade, amplia o vocabulário, constrói vínculos afetivos, ajuda na interação social, conhecimento de diferentes tipos de sons e ritmos, ou seja, são inúmeras experiências e ensinamentos significativos que a música proporciona para a criança com SD (SCHERER, 2013).

Para Junior e Cipola (2017, p. 132), “a música tem a função de ser um agente facilitador e integrador no processo educacional”.

Enquanto se apropria de cada palavra, a criança incorpora processos de pensamento que lhe permitem novas formas de atenção, de memória, de ação, de imaginação e de sentimentos. Nessa perspectiva, a linguagem musical, entendida como um instrumento de interação social e propiciadora de conhecimentos, por estar presente em muitas situações de sua vida, pode propiciar um rol de possibilidades de aprendizagem para a criança (SCHERER, 2013, p. 171).

O incentivo e a participação da família são peças fundamentais para que a criança com Síndrome de Down obtenha um bom progresso, sendo suporte na superação das dificuldades da mesma. Para a autora Paula (2012, p. 6) “o papel dos pais é de estimular e propiciar momentos de cumplicidade, de amor e carinho para a formação da criança”. É importante que os familiares usufruem do lúdico junto com a criança. É um momento de troca afetiva, de interação muito rica e essencial entre pais e filhos, em que ambos irão compartilhar experiências, aprender em conjunto, além de ser oportuno para observar a evolução da criança e fazer alterações nos recursos pedagógicos elevando para um grau maior de dificuldade para que ela atinja novos níveis cognitivos, sendo primordial respeitar o tempo de aprendizagem de cada criança.

A família é apontada como primeiro e principal grupo social com o qual a criança estabelece suas relações com o outro e, sendo assim, comprova-se a importância dos sentimentos de afeto no âmbito familiar para que a criança adquira autoestima e dê valor para a aprendizagem (PAULA, 2012, p. 11).

### **1.3 A aplicação da ludicidade para a inclusão de crianças com Síndrome de Down**

Os autores Luiz et al (2012) conduziram um estudo de casos múltiplos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze participantes (onze mães e um pai) que possuem filhos com Síndrome de Down, por meio de um gravador. O texto fala de crianças com SD que saíram da APAE e foram para uma escola de ensino comum.

De acordo com os pais, as crianças que foram para a Educação Infantil foram bem recebidas, acolhidas, tiveram um desenvolvimento na linguagem, socialização, interação e independência. Porém, as professoras não estavam tão bem preparadas. As duas crianças que foram para os anos iniciais do Ensino Fundamental, não foram bem recebidas. Houve um episódio em que as diretoras propuseram que voltassem para a escola especial. O texto fala também da presença de auxiliar de sala. Na percepção dos entrevistados, o auxiliar deve acontecer quando necessário, sendo um apoio ao educador, porém pode atrapalhar a independência e socialização da criança com Síndrome de Down.

Com base na pesquisa realizada, é possível concluir, a partir dos resultados e comportamento dos envolvidos, que o Infantil está voltado para a socialização, e o Fundamental para o desempenho acadêmico. No Ensino Fundamental, as crianças são maiores como adolescentes e elas são mais difíceis de lidar, podendo acontecer a rejeição dessas crianças com SD (LUIZ et al, 2012).

Em uma pesquisa de caráter bibliográfico realizada por Silva (2016), foram lidos e analisados dez trabalhos, como também pesquisas em livros que abordam a temática. Considerando os textos analisados, as crianças com Síndrome de Down possuem diferentes níveis de deficiência mental. Dessa forma, aprender através da ludicidade com jogos e brincadeiras é uma maneira eficaz. O lúdico é uma mediação pedagógica que transmite alegria, descoberta, fantasia, encantamento, criatividade e expressões corporais.

A partir dos textos lidos, a autora observou que o jogo é uma atividade social que permite recriar a realidade da criança através do sistema simbólico, representando o contexto cultural em que ela vive. Ele permite novas possibilidades de interpretação, expressão e ação. Constrói relações sociais. Através dos jogos, trabalha-se a psicomotricidade de maneira espontânea, funcional e satisfatória.

As brincadeiras favorecem o funcionamento intelectual da criança, ocorrendo a consolidação do pensamento abstrato. As brincadeiras infantis carregam consigo conteúdos riquíssimos. Além de estimular a aprendizagem, resgata o interesse, prazer



e entusiasmo pelo aprender. Elas devem estar adequadas a zona de desenvolvimento que a criança se encontra, respeitando suas limitações (SILVA, 2016).

A autora Melo (2019) por meio de revisão bibliográfica e de questionários realizados com duas famílias de crianças com SD, escreveu sobre a importância do pedagogo no desenvolvimento de crianças com SD na Educação Infantil. Conforme os textos analisados, o pedagogo é o mediador da aprendizagem da criança com SD, ele deve propor metodologias diversificadas, conhecer o aluno com SD e as suas dificuldades. Deve traçar objetivos e estratégias para lidar com essa criança, ter um planejamento individualizado e coerente com as necessidades de cada aluno.

Na visão dos entrevistados, é necessário que o professor tenha um currículo flexível que se adapta ao nível de conhecimento da criança, tornando o currículo apropriado às particularidades do aluno. Uma estratégia que é fundamental para o pedagogo é o uso do lúdico, jogos, brinquedos e brincadeiras. Eles trazem descontração, divertimento, descobertas, desafios, desenvolvimento das potencialidades do aluno, raciocínio lógico-matemático, socialização, estímulo da atenção, concentração, parte motora, desenvolvimento da linguagem, pensamento abstrato, etc. Brincar além de ser essencial ao processo de ensino e aprendizagem, também proporciona a criança com SD vivências positivas (MELO, 2019).

Em decorrência do estudo realizado, a tecnologia também é muito importante para a aprendizagem dessas crianças com o objetivo de estimular o desenvolvimento cognitivo, fala, linguagem, memória, concentração, percepção visual e auditiva. Podese usar sites, softwares, app, vídeos educativos que são ferramentas educacionais com presença de estímulos visuais e sonoros, um ambiente dinâmico, realista e significativo para a criança. O professor deve adaptar esses recursos individualmente para que se torne possível alcançar sucesso no processo de ensino aprendizagem (MELO, 2019).

Agnes (2017) escreveu uma pesquisa por meio de revisão bibliográfica e de entrevistas realizadas com uma família de criança com SD, com a professora titular da sala e coordenadora pedagógica da escola. O estudo de caso foi com a aluna Laura de seis anos com Síndrome de Down. Ela estudava em uma escola privada no 1º ano do Ensino Fundamental, sua turma tinha quinze alunos. Teve o acompanhamento de uma monitora durante dois anos.

Segundo a monitora entrevistada, ela começou a acompanhar Laura quando a menina entrou na Educação Infantil. O processo de adaptação foi tranquilo. A monitora

planejava as atividades adaptadas, ensinava e aplicava. Criou-se um laço muito forte entre as duas. Trabalhou bastante a oralidade através de conversas, cantos e danças. A monitora (estudante de Pedagogia) exerceu o papel de professora titular. Quando Laura estava no 1º ano, observou que era uma fase de alfabetização, com menos ludicidade e brincadeiras. Esperava-se que até o final do ano, ela conseguisse escrever seu nome sozinha, reconhecer as letras do alfabeto, possuir uma melhor coordenação motora fina e movimento de pinça, autonomia em atividades diárias. Laura era avaliada a partir das interações com os colegas, da sua autonomia, das atividades que realizava, sua motricidade, coordenação motora e lateralidade (AGNES, 2017).

De acordo com a revisão bibliográfica, uma escola para ser inclusiva, precisa analisar e compreender quais as necessidades da criança com deficiência e buscar alternativas, meios eficientes que ajudem no seu desenvolvimento e aprendizagem. Para que o currículo e as atividades sejam adaptados de maneira eficaz é preciso considerar a individualidade e singularidades do aluno e de sua deficiência. A criança com Síndrome de Down possui dificuldade em aprender, realizar algumas tarefas, organizar ideias, adaptar-se a novas situações. Dessa forma, o educador deve mediar as atividades, ajudar o aluno para que ele se sinta capaz, vá adquirindo autonomia. O estímulo contínuo e elementos visuais intensificam o desenvolvimento e aprendizagem (AGNES, 2017).

Na percepção da coordenadora e dos textos analisados, é preciso investir na formação inicial e continuada de professores para que eles tenham conhecimento de como trabalhar com a diversidade. Com profissionais preparados e com a equipe gestora sendo presente, dando apoio e confiando no educador, é possível realizar um trabalho de grande êxito. O docente sente-se valorizado e confiante para desempenhar o seu papel. Ele adapta atividades, recursos e metodologias para atender as crianças com deficiência. Cria um ambiente acolhedor e instigador através do lúdico que propicia a interação das crianças, estimulando e contribuindo para o desenvolvimento do aluno com deficiência (AGNES, 2017).

O AEE (Atendimento Educacional Especializado) é uma oportunidade que as crianças possuem nas escolas regulares. Com profissionais especializados, espaço físico adequado, são organizadas atividades e recursos pedagógicos que atendam às necessidades daquela criança com deficiência que auxiliarão no seu desenvolvimento motor, psíquico e cognitivo (AGNES, 2017).

Em 2016, Carriconde baseou a escrita do seu Trabalho de Conclusão de Curso por meio das experiências que obteve durante o seu estágio em uma escola. A estudante conheceu a aluna Isabela com o diagnóstico de SD, a qual ela teve a oportunidade de acompanhar até a sua alfabetização no final do 2º ano do Ensino Fundamental I. Isabela era uma menina muito quieta e sem expressão, durante a aula pouco interagia com os colegas, a fala era a sua maior dificuldade, pouco desenvolvida com um vocabulário muito restrito. Mesmo a aluna Isabela tendo defasagem em relação a aprendizagem dos seus colegas, ela foi mantida na turma pois os laços de afetividade e identidade foram levados em consideração. Foi recomendado que tivesse uma monitora apenas para ela. Isabela tinha dificuldades no nível pré-silábico. A jovem estudante sempre procurava encontrar a possibilidade de trabalhar as brincadeiras como um instrumento mediador de aprendizagem.

Considerando os textos lidos, os jogos e as brincadeiras promovem a interação entre o sujeito e o objeto. A realização dos mesmos em conjunto com outras pessoas, permite a interação e socialização do sujeito com o outro. Essas relações refletem em diversos aprendizados como liberdade de escolha, experimentos, resolução de problemas e conflitos, constrói conhecimentos, socializa, estimula a comunicação e o desenvolvimento pessoal. O estímulo visual auxilia na consolidação dos conhecimentos. Com isso, o lúdico é uma aposta certa e adequada para trabalhar com alunos com Síndrome de Down, sendo um motivador para a aprendizagem com grande potencial de êxito (CARRICONDE, 2016).

Para Carriconde (2016), atividades de tinta e pintura permitem às crianças se expressarem através das cores. Misturam-se as tintas, criam novas cores, fazendo com que a criança sinta prazer em estar ali realizando a atividade. Se essa atividade lúdica for realizada em grupo, permite além do desenvolvimento integral da criança, a inclusão e interação com outras pessoas, estabelecendo relações e vínculos. Como também, respeito mútuo, cooperação, obediência às regras, iniciativa pessoal e grupal. As atividades de pintura realizadas com Isabela geraram resultados positivos. No início, ela só pintava sozinha e precisava de um espaço maior pra ela. Com o tempo, ela pintava dentro da sala com seus colegas e dividia o mesmo espaço com eles.

No aspecto linguístico, Carriconde (2016) investia no desenvolvimento da oralidade da aluna Isabela, por meio de conversas e perguntas que estimulavam a elaboração de uma resposta completa, que precisava formular frases, ampliando o

seu repertório de vocabulário. A partir dos estudos da autora, outro ponto que a ludicidade trabalha é a psicomotricidade. Pessoas com Síndrome de Down possuem um atraso no desenvolvimento físico devido a hipotonia muscular, que é a falta de tônus muscular e força, causando moleza e flacidez, tendo como consequência movimentos lentos e músculos mais fracos. Nesse cenário, para ajudar no desenvolvimento da coordenação motora da aluna Isabela, sua monitora a levava para a quadra esportiva e lá brincavam com a bola. Em uma das vezes, foi dado o desafio para que Isabela quicasse a bola de basquete no chão e ao mesmo tempo, trocasse a bola de mão e caminhasse. Nos primeiros dias, ela não conseguia, apenas quicava a bola. Depois, com prática e estímulo, ela foi capaz de realizar as três coisas ao mesmo tempo.

Na última parte do seu trabalho, a escritora fala sobre alfabetização, citando autores conhecidos, dentre eles Ferreiro e Teberosky. Além disso, explica os quatro níveis psicogenéticos da escrita, sendo eles: hipótese pré-silábica, hipótese silábica, hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética. A aluna Isabela, durante esses dois anos de acompanhamento, transitou por três níveis: o pré-silábico, o silábico e o silábico-alfabético. No nível pré-silábico, ela se expressava por meio de desenhos ou pela fala. Em algumas atividades, ela falava com a monitora, que escrevia no papel da atividade o que Isabela dizia. Por meio das fotos que compõe a pesquisa analisada, observa-se o uso do alfabeto móvel, de jogos e de atividades de escrita em folha. Atualmente, Isabela encontra-se no 3º ano do Ensino Fundamental I, alfabetizada (CARRICONDE, 2016).

#### **1.4 Justificativa**

A presente pesquisa justifica-se pelo fato de as autoras terem tido uma curta experiência com dois alunos com Síndrome de Down (SD). A primeira experiência foi um estágio na Educação Infantil com uma criança do sexo feminino de três anos com a SD. Ela já conseguia ler algumas palavras e reconhecia todas as letras do alfabeto. O trabalho lúdico era realizado tanto pela escola quanto pelo pai em casa, que possuía grande contribuição para o avanço na aprendizagem da mesma.

A segunda experiência foi com um aluno do sexo masculino com seis anos em um estágio no Ensino Fundamental I na rede particular de ensino. O aluno com SD possuía a fala comprometida, dizendo apenas algumas palavras que podiam ser

compreendidas na maioria das vezes. Sua atenção era mínima e se dispersava frequentemente. Sua coordenação motora fina era pouco desenvolvida, não conseguia ler, mas reconhecia todas as letras do alfabeto. Gostava bastante de ver clipe de música sobre as vogais, era colorido, dinâmico e interativo, fazendo com que o mesmo cantasse, reproduzindo o som da fala. A professora responsável pela sala iniciou com ele um trabalho lúdico utilizando jogos pedagógicos. O progresso apesar de lento, era satisfatório, pois o mesmo passou a desenvolver a motricidade fina e ter uma atenção mais focada para a atividade que estava realizando no momento.

Portanto, essa pesquisa se justifica por buscar compreender a relação entre as atividades lúdicas e o aprendizado de crianças com SD em ambientes domésticos tendo em vista ampliar as possibilidades de aprendizagem dessas crianças no campo da alfabetização.

### **1.5 Problemas de pesquisa**

O trabalho possui três perguntas que irão nortear a pesquisa: Qual é a colaboração dos estímulos em ambiente familiar para o processo de alfabetização em crianças com Síndrome de Down (SD)? Estímulos visuais no ambiente familiar podem colaborar em etapas iniciais da alfabetização de crianças com SD? Atividades lúdicas promovidas pelos pais podem colaborar nas etapas iniciais da alfabetização de crianças com SD?

### **1.6 Objetivos**

O objetivo geral desta pesquisa é compreender a colaboração dos estímulos em ambiente familiar para o processo de alfabetização em crianças com Síndrome de Down.

Os objetivos específicos são: avaliar, a partir de relatos dos pais, como a colaboração dos estímulos visuais no ambiente familiar pode colaborar em etapas iniciais da alfabetização de crianças com SD; avaliar, a partir de relatos dos pais, como atividades lúdicas promovidas pelos pais podem colaborar nas etapas iniciais da alfabetização de crianças com SD.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa básica de natureza qualitativa. Para Gil (2010, p.27), o método qualitativo

Têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Seu planejamento tende a ser bastante flexível, pois interessa considerar os mais variados aspectos relativos ao fato ou fenômeno estudado.

Foi utilizada a revisão bibliográfica que consiste em coletar informações a partir de textos, livros, artigos e demais materiais de caráter científico como suporte para a construção deste trabalho.

Além disso, foi realizada entrevista com um pai e uma mãe de crianças com SD, os quais responderam um roteiro previamente estabelecido, pois para Duarte, as entrevistas,

[...] se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelece no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 2015).

### 2.1 Participantes

Os participantes dessa investigação foram familiares de crianças com Síndrome de Down, que relataram sobre os materiais lúdicos pedagógicos utilizados no início do processo de alfabetização das crianças, considerados em ambientes domésticos.

### 2.2 Procedimento de coleta de dados

Os procedimentos de coleta de dados ocorreram em caso de aceite para participação na pesquisa, sendo que as questões foram enviadas para os participantes por meio de aplicativos de mensagens. Foi solicitado que eles respondessem por gravação de áudio. Esta pesquisa se deu mediante aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 46710921.4.0000.5378 / nº do parecer: 4.980.587). Os

participantes receberam um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e tiveram a garantia do anonimato de sua identidade.

### **2.3 Instrumento de pesquisa**

O roteiro de entrevista utilizado na presente pesquisa, formulado pelas autoras, é formado por seis questões:

1. Por favor, nos conte um pouco sobre quem você é (idade, profissão, local em que reside e outros aspectos que você considere relevante).
2. Por favor, nos conte quem é sua criança com SD (idade, gênero, preferências e outros aspectos que você considere relevante).
3. Quais são os estímulos visuais que você possui em casa que podem auxiliar no processo de alfabetização?
4. Quais são as atividades lúdicas que você utiliza com seu/sua filho(a)?
5. Para você, qual a importância desses métodos para o início da alfabetização de crianças com Síndrome de Down?
6. Para finalizar, como as atividades lúdicas colaboram nessa caminhada?

### **2.4 Análise das entrevistas**

O conteúdo das entrevistas foi analisado por meio de análise de conteúdo em abordagem indutiva-subjetiva de Bardin (2011). Para isso, seguiu-se os seguintes passos:

1. Leitura geral do material coletado; 2. Codificação para formulação de categorias de análise, utilizando o quadro referencial teórico e as indicações trazidas pela leitura geral; 3. Recorte do material, em unidades de registro comparáveis e com o mesmo conteúdo semântico; 4. Estabelecimento de categorias que se diferenciam, tematicamente, nas unidades de registro; 5. Agrupamento das unidades de registro em categorias comuns; 6. Agrupamento progressivo das categorias (iniciais → intermediárias → finais); 7. Inferência e interpretação, respaldadas no referencial teórico (SILVA; FOSSÁ, 2015, p. 4).

## 2.5 Resultados

Inicialmente, as respostas das entrevistas dos familiares de crianças com Síndrome de Down foram organizadas em um quadro inicial (Quadro 1). Esta foi dividida em três colunas: categorias iniciais, trechos e conceito norteador. Foram encontradas 12 categorias iniciais, que são frases classificatórias que explicam resumidamente e com clareza o tema abordado nos trechos selecionados da entrevista. Os trechos foram separados por assuntos específicos de acordo com as categorias iniciais que os representam. O conceito norteador é uma breve descrição mais detalhada referente ao conteúdo presente na categoria e no trecho, é uma explicação mais completa de ambos.

Os nomes das crianças foram substituídos por C1 (criança 1) e C2 (criança 2), a fim de preservar as suas identidades, assim como foi utilizado F1 e F2 para identificar as falas dos familiares de número 1 e 2, respectivamente.



Quadro 1 – Categorias Iniciais.

(Continua)

Categorias Iniciais	Trechos	Conceito Norteador
1- Acompanhamento de profissionais.	<p>“A C1 desde pequenininha é acompanhada por fisioterapeuta, fonoaudióloga e terapeuta ocupacional.”</p> <p>“Ela tem uma professora particular também que acompanha e elas fazem atividades.” (F1)</p> <p>“Atualmente tem como atividades extras, além de cursar o Ensino Infantil no Colégio Marista, aulas de Ballet, Música e Natação e Terapias de Fonoaudióloga, Psicopedagoga, Psicóloga, Terapia Ocupacional, Fisioterapia e Acupuntura.” (F2)</p>	Famíliares relatam sobre o suporte de profissionais de diversas áreas no dia a dia da criança com SD.
2- Estímulos lúdicos no ambiente doméstico.	<p>“O que ela tem no quarto dela, depois eu até posso fazer foto, ela tem uma lousa. Então, por exemplo, elas colam, fazem, pintam as letras, fazem as letras com feijãozinho e aí colocam sempre na parede. Então, ela tem bastante coisa produzida com a professora e tem algumas coisas compradas também, letras em E.V.A.” (F1)</p>	Um dos familiares relata sobre formas de estímulos visuais, sensoriais e motores por meio de atividades lúdicas e informações.
3- Estímulos visuais em ambiente doméstico.	<p>“Quadro de atividades e rotinas, identificação dos móveis e espaços, espelho no espaço de brincar e quadros com letras e números.” (F2)</p>	Um dos familiares relata sobre a inserção de estímulos visuais no ambiente doméstico, os quais podem colaborar na organização da rotina, reconhecimento do espaço e de si mesmo.
4- Recursos pedagógicos com os quais a criança se identifica.	<p>“Gosta bastante do jogo da memória. Quando ela estava aprendendo os animais, ela gostava muito. Ela gosta muito de bola, gosta muito de cantar.” (F1)</p> <p>“A música é um recurso pedagógico muito interessante para trazer a ludicidade, a criatividade da C1. Então, eu acredito que seja mais isso, mas variam muito as brincadeiras. Então, assim, varia muito o que a gente faz de lúdico e tenta sempre usar as situações do dia a dia.” (F1)</p> <p>“Aí quando era mais neném, atividade com as cores. Depois, quando estava conhecendo o corpinho, aquela música ‘cabeça, ombro, joelho e pé’ e brincar com as bonecas, passar creme nas partes do corpo das bonecas.” (F1)</p>	Um dos familiares relata sobre a criança usufruindo prazerosamente dos momentos com recursos pedagógicos diversos.

Quadro 1 – Categorias Iniciais.

(Continuação)

Categorias Iniciais	Trechos	Conceito Norteador
5- Recursos pedagógicos que ajudam na aprendizagem.	“Jogos educativos, conto e leitura de livros infantis, passeios em diversos lugares, prática de esportes, Software diversos, encenações teatrais, execução de rotinas diárias e brincadeiras livres.” (F2)	Um dos familiares relata sobre a quantidade de recursos pedagógicos oferecidos ao longo da vida da criança.
6- A modificação das atividades lúdicas de acordo com o progresso e necessidade da criança.	situação não dá um resultado tão positivo. Então, quer dizer, não funcionou com a C1 né, porque para além das estratégias e métodos, a gente precisa enxergar o sujeito, entender quem é ela, do que ela gosta, do que ela funciona, do que ela prefere, é mais ou menos isso.” (F1)  “Eu acho que cada fase tem algo que você pode trabalhar de forma lúdica, mas não é um lúdico dissociado de um objetivo e esse objetivo precisa estar alinhado não só com a parte pedagógica, mas também alinhada com a parte sensório-motor, com a parte cognitiva.” (F1)	Um dos familiares relata sobre a modificação das atividades lúdicas de acordo com o desenvolvimento da criança, a fim de manter as atividades interessantes e desafiadoras para a criança.
7- Colaboração da atividade lúdica no desenvolvimento da aprendizagem da criança.	“O lúdico contribui para o desenvolvimento global de qualquer criança, considerando que uma criança com Síndrome de Down, devido à condição genética, pode ter alguma área comprometida, esses métodos se tornam ainda mais importantes.” (F2)  “As atividades lúdicas são fontes de estimulação que colaboram no processo de desenvolvimento de todas as crianças, despertando desejos do saber, vontade em participar, alegria da conquista e por isso muito importante no processo de alfabetização.” (F2)	Um dos familiares relata sobre a importância das atividades lúdicas como formas de apoiar o desenvolvimento da criança de modo integral.
8- Quem é a sua criança com SD?	“Sou mãe da C1, ela nasceu no dia 23 de dezembro de 2016 com Síndrome de Down, a trissomia 21.” (F1) “C2, 05 anos, residente em Ribeirão Preto/SP.” (F2)	Descrição dos familiares sobre a idade e condição da criança.
9- Características da criança com SD.	“Ela é uma criança muito esperta, muito carinhosa, muito inteligente. Ela é bem alegre, gosta muito de brincar.” (F1) “Uma criança muito carismática, observadora e alegre.” (F2)	Familiares relatam suas percepções de maneira positiva e amorosa sobre as crianças com SD.

Quadro 1 – Categorias Iniciais.

(Conclusão)

Categorias Iniciais	Trechos	Conceito Norteador
10- Importância do acompanhamento profissional.	<p>“E aí a gente precisa de um olhar nesses planejamentos não só na área de educação, mas também de outros profissionais como terapia ocupacional. É muito importante essa visão multiprofissional.” (F1)</p> <p>“Em todas as atividades, a gente é sempre muito assessorado pelas profissionais, pela pedagoga que acompanha a C1.” (F1)</p>	Um dos familiares relata sobre a relevância do acompanhamento de profissionais da saúde e da educação para o desenvolvimento integral da criança com SD.
11- Interação familiar.	“Então a gente canta bastante, dança.” (F1)	Um dos familiares relata momentos de diversão e entrosamento com a criança, a partir de elementos lúdicos que a mesma se identifica.
12- O uso de recursos pedagógicos mediados pela professora.	<p>“Por exemplo, a professora estava trabalhando com ela a história dos Três Porquinhos. Elas fizeram as casinhas, uma de palha, uma de tijolo, uma de madeira. Então, fizeram de papelão e colaram a madeira, representaram. Então, a C1 fez isso. Aí depois elas cantam a música do lobo mau. Em outro momento, a C1 pegou as casinhas e ela não fala ainda frases, mas ela fala palavras que demonstram que ela está entendendo o enredo, que ela está entendendo uma sequência da atividade, aí ela canta.” (F1)</p>	Um dos familiares relata sobre a importância dos materiais lúdicos para facilitar o processo de aprendizagem da criança com SD, através da orientação de uma profissional.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O segundo passo foi a junção de categorias iniciais que tinham relações entre si, ou seja, que abordavam aspectos do mesmo círculo temático, assuntos parecidos. A partir dessa junção, surgem as categorias intermediárias com novas nomeações, assim como o conceito norteador também foi ressignificado.

O quadro das categorias intermediárias (Quadro 2) expõe com mais nitidez as ideias centrais das entrevistas que possuem pontos em comum, deixando a sua leitura mais simplificada e de fácil entendimento, focando nas questões principais.

**Quadro 2 - Categorias Intermediárias.**

<b>Categorias Intermediárias</b>	<b>Conceito Norteador</b>
Categorias 1, 10 e 12 - A importância do acompanhamento profissional dentro do ambiente doméstico, assim como exterior a ele.	Famíliares relatam sobre o suporte de profissionais de diversas áreas no dia a dia da criança com SD, sendo que essa interação com cada profissional está vinculada a estímulos e experiências ambientais diferentes. Falam também sobre a relevância do acompanhamento de profissionais da saúde e da educação para o desenvolvimento integral da criança com SD e a importância da orientação de uma profissional para a mediação dos materiais lúdicos para facilitar o processo de aprendizagem da criança com SD.
Categorias 5,6 e 7 - O uso de recursos pedagógicos lúdicos, a sua colaboração e modificação com o decorrer do desenvolvimento da criança.	Famíliares relatam sobre a importância das atividades lúdicas como forma de apoiar o desenvolvimento da criança de modo integral, como esses recursos são oferecidos ao longo da vida da criança e a modificação dos mesmos de acordo com o desenvolvimento da criança, a fim de manter as atividades interessantes e desafiadoras para a criança com SD.
Categorias 2,3 e 4 - Estímulos lúdicos e visuais que ajudam na aprendizagem da criança e que ela se identifica.	Famíliares relatam sobre formas de estímulos visuais, sensoriais e motores por meio de atividades lúdicas, assim como sobre a inserção de estímulos visuais no ambiente doméstico, os quais podem colaborar na organização da rotina, reconhecimento do espaço e de si mesmo, usufruindo prazerosamente dos momentos com recursos pedagógicos diversos.
Categoria 11 - Interação familiar.	Um dos familiares relata momentos de diversão e entrosamento com a criança, a partir de elementos lúdicos que a mesma se identifica.
Categorias 8 e 9 - Descrição da criança com SD.	Famíliares relatam sobre a idade e condição da criança com SD, suas percepções de maneira positiva e amorosa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A partir da construção do quadro 2, na qual encontrou-se cinco categorias intermediárias, uma nova e última análise foi feita. Observou-se atentamente as categorias com o objetivo de ainda identificar tópicos que se correlacionam, que tenham particularidades, agregando uma categoria a outra. Dessa forma, criou-se o quadro de categorias finais (Quadro 3) que sintetiza o resultado final das entrevistas coletadas.

**Quadro 3 - Categorias Finais.**

<b>Categorias Finais</b>	<b>Conceito Norteador</b>
A importância do acompanhamento profissional dentro do ambiente doméstico, assim como exterior a ele.	Famíliares relatam sobre o suporte de profissionais de diversas áreas no dia a dia da criança com SD, sendo que essa interação com cada profissional está vinculada a estímulos e experiências ambientais diferentes. Falam também sobre a relevância do acompanhamento de profissionais da saúde e da educação para o desenvolvimento integral da criança com SD e a importância da orientação de um profissional para a mediação dos materiais lúdicos para facilitar o processo de aprendizagem da criança com SD.
Descrição da criança com Síndrome de Down.	Famíliares relatam sobre a idade e condição da criança com SD, suas percepções de maneira positiva e amorosa.
O uso de estímulos gerais e recursos pedagógicos lúdicos no ambiente doméstico, colaborando com a aprendizagem da criança e a sua interação familiar, assim como a modificação dos mesmos de acordo com o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down.	Famíliares relatam sobre a importância das atividades lúdicas em conjunto com estímulos visuais, sensoriais e motores para o desenvolvimento da criança de modo integral, como esses recursos são oferecidos ao longo do tempo e a modificação dos mesmos de acordo com o seu progresso, a fim de manter as atividades interessantes e desafiadoras para a criança com SD, sendo que esses recursos dentro do ambiente doméstico auxiliam na organização da rotina, do espaço e na interação com os familiares de maneira divertida, prazerosa e cuidadosa.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

### 3 DISCUSSÃO

Este trabalho se propôs a verificar como a presença de estímulos lúdicos dentro do ambiente doméstico podem auxiliar no início da alfabetização de crianças com Síndrome de Down através do incentivo dos familiares. A pesquisa foi realizada a partir de revisão da literatura e entrevista com uma mãe e um pai de crianças com SD por meio de aplicativo de mensagem utilizando gravação de áudio, tendo em vista respeitar o momento atual de pandemia, visto que a pesquisa ocorreu em 2021, antes das vacinações em massa no Brasil. O objetivo geral era compreender a colaboração dos estímulos em ambiente familiar para o processo de alfabetização em crianças com Síndrome de Down (SD). A partir da análise de conteúdo das entrevistas foram geradas três categorias finais, uma que retrata sobre a importância do acompanhamento de diversos profissionais em clínicas e dentro do ambiente doméstico, outra que fala sobre a descrição da criança com Síndrome de Down e por fim, uma categoria sobre como o uso de estímulos gerais e recursos pedagógicos lúdicos no ambiente doméstico colabora com a aprendizagem e desenvolvimento integral da criança com SD.

De modo geral, com base nos relatos dos pais e revelado pelas categorias, encontrou-se que os pais enriquecem os ambientes de seus filhos com os recursos pedagógicos lúdicos que são ferramentas que contribuem para o processo de aprendizagem de crianças com Síndrome de Down tornando-a mais atrativa, divertida e de fácil compreensão. Conseqüentemente, as crianças usufruem desses estímulos lúdicos que trazem diversos benefícios para as suas vidas, trabalhando principalmente a parte cognitiva. Além disso, os pais relataram que a ludicidade é uma forma de fortalecer a interação entre pais e filhos, sendo uma oportunidade para observarem o progresso educativo das crianças com Síndrome de Down e proporem mudanças adequadas para as suas evoluções dispendo da ajuda e o acompanhamento de profissionais interdisciplinares.

As três perguntas de pesquisas feitas inicialmente foram: “Qual é a colaboração dos estímulos em ambiente familiar para o processo de alfabetização em crianças com Síndrome de Down? Estímulos visuais no ambiente familiar podem colaborar em etapas iniciais da alfabetização de crianças com SD? Atividades lúdicas

promovidas pelos pais podem colaborar nas etapas iniciais da alfabetização de crianças com

SD?”. Em razão das perguntas serem complementares, uma única categoria final denominada “o uso de estímulos gerais e recursos pedagógicos lúdicos no ambiente doméstico, colaborando com a aprendizagem da criança e a sua interação familiar, assim como a modificação dos mesmos de acordo com o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down” foi suficiente para respondê-las de maneira agrupada. Como dito pelo familiar número 2:

*“O lúdico contribui para o desenvolvimento global de qualquer criança...”*

*“As atividades lúdicas são fontes de estimulação que colaboram no processo de desenvolvimento de todas as crianças [...] muito importante no processo de alfabetização.”*

Dessa forma, Kishomoto (1996) e Fortuna (2000) compactuam de pensamentos semelhantes de que o lúdico, além de propiciar diversão e prazer, é responsável pela construção de conhecimentos e habilidades que levarão a criança num futuro próximo aos primeiros passos para a alfabetização, pois para Fortuna a atividade lúdica tem a “vantagem de oportunizar o desenvolvimento intelectual e afetivo através da ação e da imaginação de modo a criticar, selecionar e mesmo construir os próprios conteúdos” (2000, p. 10). Em contato com jogos, brinquedos e brincadeiras, a criança é capaz de desenvolver a linguagem oral e escrita, assim como o raciocínio lógico-matemático, afinal a ludicidade possui função educativa que “ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e apreensão do mundo” (KISHOMOTO, 1996, p. 37). Segundo o familiar número 1:

*“Para além das estratégias e métodos, a gente precisa enxergar o sujeito, entender quem é ela, do que ela gosta, do que ela funciona, do que ela prefere.”*

Sabemos que as crianças não estão sob influência somente do ambiente doméstico, sendo o ambiente escolar muito importante para os processos que se referem à alfabetização. Para Ferreiro e Teberosky (1979), algumas crianças ao entrarem na escola trazem consigo alguns conhecimentos sobre a linguagem escrita

devido às práticas educativas que obtiveram no ambiente familiar, elas tentam ler e escrever antes mesmo de receberem instruções formais dos professores (1979 apud TEBEROSKY; RIBEIRA, 2007, p.55). Nessa linha de pensamento, Agnes (2017) cita em seu trabalho a importância de a escola adaptar o seu currículo para atender as crianças com deficiência e o professor buscar novas metodologias que respondam às necessidades educativas daquele sujeito. Além disso, o docente deve conhecer o seu aluno, olhar para ele e enxergá-lo como um ser humano que tem sentimentos, medos, entender suas preferências, manias, deve aprofundar-se naquela realidade de vida, compreendendo aquela criança de forma integral para que através disso seja capaz de replanejar e criar outras alternativas de aprendizagem, sempre respeitando o seu ritmo e tempo de aprender. O professor deve olhar o seu aluno com afeto, acolhimento, praticar a escuta ativa, desenvolver uma relação de amizade e confiança, facilitando o processo de ensino-aprendizagem. Diante dessas circunstâncias, temos o estudo de Luiz et al (2012), que entrevistou familiares de crianças com SD, os quais relataram que o ambiente escolar no qual as crianças haviam sido bem recebidas e acolhidas pareciam ser mais favoráveis ao desenvolvimento das mesmas, que progrediram positivamente nos aspectos cognitivos, linguísticos e sociais.

Um dos familiares menciona que as atividades de pintura sempre estiveram presentes na vida de seu filho desde pequeno. A autora Carriconde (2016) traz em seu estudo um relato de experiência com uma criança com SD que realizava atividades de pintura com tinta na sala de aula. Essa prática lúdica é prazerosa e cheia de ensinamentos para a criança que tem a oportunidade de brincar com as cores e suas misturas, sendo um estímulo visual que chama atenção por ser colorido, pode pintar com o dedo ou com a mão sentindo a textura da tinta, como também utilizar pincéis desenvolvendo o movimento de pinça e coordenação motora fina. Por meio da pintura, a criança se expressa, aprende e interage com o outro.

Em sua pesquisa, Carriconde (2016) também fala que a ludicidade promove a interação entre o indivíduo e o meio, assim como o entrosamento entre as pessoas que dividem o mesmo objeto ou espaço. Em uma de suas falas, o familiar número 1 menciona momentos de interação com seu filho através das brincadeiras que a criança se identifica. Ou seja, o lúdico além de ensinar algo, ele cria ou intensifica relações interpessoais já existentes, acentuando laços afetivos, que permite a troca



de experiências e saberes que irão agregar na vida da criança com Síndrome de Down.

Os dois familiares relatam sobre a leitura de livros infantis, sendo que o familiar número 1 complementa sobre elaborar, seguido da leitura, atividades práticas e lúdicas para enriquecer e proporcionar um maior entendimento e conhecimento para a criança com Síndrome de Down. Dessa forma, inserir os livros na rotina da criança e incrementar com jogos relacionados ao tema, questionamentos sobre a história, perguntar o que ela entendeu, são maneiras de tornar aquele momento rico em um aprendizado contextualizado e reflexivo. Para Teberosky e Ribeira “na leitura dialógica, os adultos aumentam suas perguntas e solicitam respostas das crianças além da simples leitura do texto. As oportunidades de escutar e participar em leituras dialógicas fazem parte de um contexto de aprendizagem” (2007, p. 62). Quando propício e coerente, pode-se relacionar a história com situações cotidianas que fazem parte da vida da criança, tornando aquele contexto ainda mais significativo. Nesse sentido, introduzir essa prática no dia a dia da criança, além de ampliar seu vocabulário e aprender novas palavras, sendo esses dois pontos que futuramente irão refletir no domínio da sua escrita, estimula o interesse e gosto pela leitura. Um avanço ou inovação nessas estratégias poderia ser a utilização de fantoches ou brinquedos para ilustrar a história, envolvendo ainda mais a sua atenção, desenvolvendo a sua criatividade e imaginação. Para Teberosky (2020), ler para uma criança favorece momentos de interação e comunicação entre ela e o adulto, que são aspectos importantes para que a aprendizagem aconteça.

Para o familiar número 1:

*“A música é um recurso pedagógico muito interessante para trazer a ludicidade.”*

Em outras falas, o familiar também relata que a música instiga a criatividade e que algumas carregam consigo temáticas educativas que facilitam a aprendizagem da criança com Síndrome de Down. Dessa forma, em seu estudo Scherer diz que “a musicalização [...] ao ser trabalhada de forma lúdica, dinâmica, traz experiências gratificantes para a criança” (2013, p. 180). Inserir a música durante as brincadeiras ou durante a contação de histórias, por exemplo, traz maior divertimento, enriquecendo ainda mais aquele momento que ficará registrado na memória da

criança como algo bom que agregou na sua vida ensinamentos pertinentes às suas necessidades, desenvolvendo o cognitivo, emocional, social e motor.

Vale ressaltar que na análise das entrevistas foram encontrados temas que não estavam presentes nos objetivos propostos e no roteiro de perguntas, como o acompanhamento profissional e a descrição das crianças com SD, que ambos os familiares citaram. Dessa forma, compreende-se que as famílias consideram aspectos diversos na criação, cuidado e necessidades das crianças com SD.

Apesar de este dado não ter sido coletado, aparentemente as famílias entrevistadas estão em um estrato socioeconômico que as permite oferecer recursos diversos às crianças, sendo assim, podem ter o auxílio e o acompanhamento de profissionais capacitados da área da saúde e da educação que colaboram para o processo corporal, educacional e mental da criança com Síndrome de Down. Para Berro e Castro (2008 apud LAWDER et al, 2019, p. 74) “[...] é fundamental um trabalho integrado, no qual seja possível trocar informações, discutir e encontrar condutas apropriadas e, ao mesmo tempo, contribuir para o bem estar da criança com Síndrome de Down.” Podemos enumerar diversos profissionais que foram citados na entrevista e outros, como: fisioterapeuta, fonoaudióloga, psicóloga, psicopedagoga, terapeuta ocupacional, hidroterapia, equoterapia. Todos possuem uma grande importância para o desenvolvimento integral da criança com SD. Daremos, então, sucinta ênfase à fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicopedagogia, para compreendermos qual a função desses profissionais que mais se relacionam com a educação.

A fonoaudióloga é uma profissional de extrema importância por ser responsável pelo desenvolvimento e estimulação da linguagem oral de forma eficaz da criança com Síndrome de Down, que irá contribuir futuramente para o processo de alfabetização. Ela trabalha aspectos da comunicação humana, transtornos na fala e na escrita, estimula a cognição e as estruturas bucais da criança, que também ajudam no processo de alimentação (LAWDER et al, 2019). Diante disso, observa-se que a fonoaudiologia contribui para o desenvolvimento global da criança com Síndrome de Down, proporcionando uma melhor qualidade de vida, maior interação entre o sujeito e o meio, motiva a aprender, a ser mais independente dentro de suas limitações, que irão resultar em um melhor desempenho social, na leitura e na escrita. (REGIS et al, 2018)

Os familiares podem em casa dar continuidade aos exercícios realizados pela fonoaudióloga através de sua recomendação para que o estímulo seja prática constante, objetivando resultados mais rápidos e significativos. De acordo com os autores Regis et al (2018, p. 280) “a continuidade da estimulação fonoaudiológica é crucial para o desenvolvimento da linguagem na Síndrome de Down [...] ter uma estimulação regular pode desenvolver mutuamente todos os aspectos necessários no período de desenvolvimento infantil.”

Um segundo profissional é o Terapeuta Ocupacional (TO). Devido ao fato de as crianças com Síndrome de Down possuírem um atraso no desenvolvimento psicomotor e terem a deficiência intelectual, que afeta a área cognitiva, o TO vai ajudar essa criança a desempenhar atividades simples do dia a dia, respeitando as suas particularidades e limitações, para que consiga adquirir autonomia, confiança e independência para relacionar-se com os outros e com o meio. Através do lúdico, ele pode estimular as partes motora, sensorial e neurológica da criança. Para Ferland (2006 apud PELOSI; FERREIRA; NASCIMENTO, 2020, p. 512) “o brincar é proposto na terapia ocupacional como fim e objeto da intervenção, mas também como meio para aquisição e aprimoramento de habilidades”. Seguindo esse mesmo raciocínio, o brincar também “permite que a criança desenvolva suas capacidades de adaptação e interação, possibilitando que elas possam ser transferidas para diferentes situações vivenciadas em seu cotidiano” (HADERGON, 2003 apud PELOSI; FERREIRA; NASCIMENTO, 2020, p. 512).

Para Pelosi, Ferreira e Nascimento (2020) é importante que o atendimento a crianças com SD aconteça em espaços lúdicos, seguros e atrativos adaptados às suas necessidades, de modo a potencializar o seu desenvolvimento.

Quando o foco da intervenção está voltado para as crianças com síndrome de Down, o brincar precisa ser facilitado, os instrumentos modificados, o espaço físico considerado, para que a atividade lúdica se destaque como essencial para o desenvolvimento e a aprendizagem desse grupo. O terapeuta ocupacional contribui para ampliar a participação de crianças que necessitam de suporte, por meio de adaptação de recursos e estratégias que ofereçam oportunidades de experimentação, aprendizado e interação durante jogos e brincadeiras (PELOSI, 2009 apud PELOSI; FERREIRA; NASCIMENTO, 2020, p. 513).

Por último, o psicopedagogo é um profissional que “contribui com um olhar diferenciado ao problema de aprendizagem e vem caminhando com a intenção de

favorecer e contribuir para uma melhor compreensão desse processo” (SANTOS, 2017, p. 3). Ou seja, ele irá mediar o processo de aprendizagem da criança com Síndrome de Down, identificando suas dificuldades para intervir de forma positiva resgatando no indivíduo o prazer de aprender. Para Santos (2017, p. 4) “o profissional da psicopedagogia analisa e assinala os fatores que podem favorecer, interferir e/ou prejudicar uma boa aprendizagem em uma instituição, seja ela escolar ou não”. Para Bassani (2012), o psicopedagogo pode utilizar do lúdico, jogos e brinquedos para tornar a aprendizagem mais divertida, sendo esse um estímulo adequado que colabora na evolução da aprendizagem da criança com Síndrome de Down.

No presente estudo verificou-se, conforme expresso pela a categoria “a importância do acompanhamento profissional dentro do ambiente doméstico, assim como exterior a ele”, que os familiares compreendem a importância do acompanhamento multiprofissional. As crianças não são somente levadas a consultórios, mas são acompanhadas em seus ambientes domésticos. É possível, portanto, que, dado o investimento feito para tal acompanhamento, que os familiares sigam as recomendações dos profissionais e até mesmo que a forma como eles enriquecem os espaços da casa sejam influenciados pelo contato com tais profissionais. Para os autores Lawder et al (2019, p 14) “o papel dos pais e dos familiares no tratamento é fundamental para o sucesso de qualquer proposta educacional ou terapêutica”.

Uma outra categoria final denominada “descrição de crianças com Síndrome de Down” surgiu como resultado da pesquisa. Os familiares descreveram seus filhos com SD com um olhar amoroso, protetor e sensível provavelmente pela própria função social e evolutiva desses papéis que representam a maternidade e paternidade em si. Porém, quando seus filhos apresentam alguma deficiência, isso se acentua. A maneira de enxergar esse filho torna-se diferente e mais emotiva. Para Henn, Piccinini e Garcias (2008, p. 491), “o nascimento de uma criança com SD é um acontecimento que afeta de maneira importante a família, exercendo consequências principalmente sobre pais e mães.” A presença de uma criança com SD no seio familiar exige uma adaptação no ambiente e maiores dificuldades são encontradas para a criação daquele filho, no entanto, efeitos positivos também surgem nesse entorno como uma boa aceitação dos pais, que acabam tornando o processo de adaptação mais fácil, assim como constrói-se uma interação, uma união entre a

criança e os pais, constituindo um ambiente familiar harmônico e saudável (HENN; PICCININI; GARCIAS, 2008).

O presente estudo contempla uma amostra pequena, com apenas dois familiares, pais de crianças com SD. Dessa forma, não se pode afirmar que as percepções e opiniões destes pais representam todos os pais de crianças com SD. Outro ponto de destaque é o de que os pais entrevistados relatam ter muitos recursos materiais e possibilidade de acompanhamento multiprofissional para ofertar às suas crianças, o que não revela a realidade do contexto brasileiro que, apesar de estar avançando em relação à inclusão social e escolar de crianças com SD e também com outros transtornos ou deficiências, é bastante desigual em termos de assistência, acessibilidade a recursos e oportunidades. Outra limitação do estudo é a de que a entrevista foi realizada via aplicativo de mensagem. É possível que em entrevistas realizadas presencialmente os participantes sintam-se mais à vontade para responder às questões com mais detalhe e profundidade.

Estudos futuros podem envolver entrevistas com pais de crianças com Síndrome de Down que estejam em estratos socioeconômicos mais desfavorecidos, bem como entrevistas com professores e profissionais da área de acompanhamento às crianças com SD e da área de inclusão.

Considera-se que o presente estudo contribui para compreensão da forma como os familiares percebem suas crianças com Síndrome de Down, como as apoiam no processo de alfabetização e como utilizam-se de recursos lúdicos no ambiente doméstico.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir desse estudo é possível compreender sobre os benefícios da ludicidade para a aprendizagem de crianças com Síndrome de Down (SD), de forma a favorecer e facilitar a aquisição da linguagem oral e da escrita. É evidente que os pais que se preocupam com a alfabetização de seus filhos e participam desse processo, possuem bons resultados na aprendizagem, além de fortalecer a interação e vínculos afetivos.

Dessa maneira, conclui-se que familiares de crianças com SD que possuem ambientes ricos em recursos pedagógicos conseguem oferecer a essas crianças estímulos necessários, incluindo materiais lúdicos e o acompanhamento multiprofissional para que as mesmas sejam incentivadas no processo de alfabetização. Percebe-se também que esses familiares demonstram possuir um bom entendimento sobre a importância desses recursos no ambiente doméstico e o quanto eles contribuem para a alfabetização e desenvolvimento pleno de seus filhos, sendo relevante as atividades serem significativas e contextualizadas com as situações cotidianas que as crianças vivenciam.

## REFERÊNCIAS

AGNES, Daiana Barbosa. **Inclusão de crianças com Síndrome de Down no 1º ano do Ensino Fundamental – Desafios para o professor**. 2017. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Santa Rosa, 2017. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/5196/Daiana%20Barbosa%20Agnes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 288 p.

BASSANI, Cecília da Silva. **A síndrome de Down e as dificuldades de aprendizagem**. 2012. Disponível em: <http://www.pixfolio.com.br/arq/1401280042.pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

BLES, Pablo; KUCYBALA, Fabíola dos Santos; FREITAS, Glória; CATÃO, Virna MacCord; NUNES, Alex Ribeiro. **Alfabetização e letramento**. Porto Alegre: Sagah, 2018.

CARRICONDE, Mónica Molero. **Ludicidade: um caminho divertidamente possível para a aprendizagem de uma aluna com síndrome de down**. 2016. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/153073/001013837.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CAVICCHIA, Durlei de Carvalho. **O desenvolvimento da criança nos primeiros anos de vida**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/224/1/01d11t01.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COSTA, Maria Aparecida Alves da; SILVA, Francisco Mário Carneiro da; SOUZA, Davison da Silva. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3476/3127>. Acesso em: 06 out. 2021.

DÉA, Vanessa Helena Santana Dalla; DUARTE, Edison, ORGANIZADORES, &. **Síndrome de Down: informações, caminhos e histórias de amor**. São Paulo: Phorte Editora, 2009. 336 p.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar é aprender**. 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/179315/001069216.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 out. 2021.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Sala de aula é lugar de brincar?** 2000. Disponível em: [https://brincarbrincando.pbworks.com/f/texto\\_sala\\_de\\_aula.pdf](https://brincarbrincando.pbworks.com/f/texto_sala_de_aula.pdf). Acesso em: 11 out. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GUTFREIND, Celso; CELIA, Isabel Leite; BECK, Norma; GUERRA, Victor. **A obra de Salvador Celia** - Empatia, Utopia e Saúde Mental das Crianças. Artmed, 2013.

HENN, Camila Guedes; PICCININI, Cesar Augusto; GARCIAS, Gilberto de Lima. A família no contexto da síndrome de Down: revisando a literatura. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 485-493, set. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/B7PsTDspZQxppykjMLqhTtK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Moderna Ltda, 2009. 923 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil**. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>. Acesso em: 06 out. 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4386868/mod\\_resource/content/1/Jogo%2C%20brnquedo%2C%20brincadeira%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4386868/mod_resource/content/1/Jogo%2C%20brnquedo%2C%20brincadeira%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em: 11 out. 2021.

LAWDER, Renata *et al.*. **Atuação fonoaudiológica na síndrome de Down - visão familiar**. Fag Journal Of Health, [s.l.], v. 1, n. 2, p. 63-77, 2019. Disponível em: <https://fjh.fag.edu.br/index.php/fjh/article/view/76/85>. Acesso em: 06 out. 2021.

LUIZ, Flávia Mendonça Rosa *et al.*. Inclusão de crianças com Síndrome de Down. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 4, p. 649-658, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/4GQSqJT5y6H5Tf7G3H9jrzg/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

MELO, Scheila. **O pedagogo e o desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil**. 2019. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4932/TCC%20Scheila%20Severo%20Melo%20Amaral.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2021.



OLIVEIRA JUNIOR, Ademir Pinto Adorno de; CIPOLA, Eva Sandra Monteiro. Musicalização no processo de aprendizagem infantil. **Revista Científica Unar**, Araras, v. 15, n. 2, p. 126-141, 2017. Disponível em: [http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol15\\_n2\\_2017/09\\_MUSICALIZA%C3%87%C3%83O\\_NO\\_PROCESSO.pdf](http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol15_n2_2017/09_MUSICALIZA%C3%87%C3%83O_NO_PROCESSO.pdf). Acesso em: 07 out. 2021.

PAULA, Janete Dillmann de. A Influência da Família no Processo de Alfabetização. **Revista Thema**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 1-13, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/139/70>. Acesso em: 07 out. 2021.

PELOSI, Miryam Bonadiu; FERREIRA, Karine Guedes; NASCIMENTO, Janaína Santos. Atividades terapêuticas ocupacionais desenvolvidas com crianças e préadolescentes com síndrome de Down. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 511-524, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/pbvSpH7w4DJnC9H8FQPX6wB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

PEREIRA, Rodrigo Roncato. **O Papel da Variação do Número de Cópias Genômicas no Fenótipo Clínico de Deficiência Intelectual em uma Corte Retrospectiva da Rede Pública de Saúde do Estado de Goiás**. 2014. 118 f. Tese (Doutorado) - Curso de Biologia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/3093/5/merged.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2021.

PURCELL-GATES, Victoria. A alfabetização familiar: coordenação entre as aprendizagens da escola e as de casa. In: TEBEROSKY, Ana; GALLART, Marta Soler. **Contextos de Alfabetização Inicial**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

REGIS, Mariane Sousa; LIMA, Ivonaldo Leidson Barbosa; ALMEIDA, Larissa Nadjara Alves; ALVES, Giorvan Anderson dos Santos; DELGADO, Isabelle Cahino. Estimulação fonoaudiológica da linguagem em crianças com síndrome de Down. **Revista Cefac**, João Pessoa, Paraíba, v. 20, n. 3, p. 271-280, jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/M97QjcrWGXDqMxWMNg4XbkB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

SANTOS, Ana Maria Goularte dos. Ação do psicopedagogo na aprendizagem de alunos com síndrome de Down. **Revista Fabe**, Bertioga, v. 7, n. 9, p. 1-12, jan. 2018. Disponível em: <http://fabeemrevista.com.br/material/vol7/03.pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

SCHERER, Cleudet de Assis. Educação musical: contribuições para o desenvolvimento do pensamento infantil. **Nuances**: estudos sobre educação, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 163-182, abr. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/2164-6288-4-PB.pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

SILVA, Amanda Gomes da. **A atividade lúdica**: contribuições para a educação das crianças com síndrome de down. 2016. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de

Bacharelado em Psicopedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1817/1/AGS21062016#:~:text=Os%20principais%20objetivos%20que%20se,desenvolvimento%20da%20linguagem%2C%20dentre%20outros..> Acesso em: 22 jun. 2021.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo:** exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, [s.l.], v. 16, n. 1, maio 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, Tatyane Soriano Gonçalves Diniz da; PELOSI, Miryam Bonadiu. Evolução de uma criança com síndrome de Down à luz do modelo lúdico: estudo de caso / evolution of a child with down's syndrome according to the ludic model. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - Revisbrato**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 50-67, 31 jan. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47222/2526-3544.rbto11834>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SOUZA, Natália Moreira de; WECHSLER, Amanda Muglia. Reflexões sobre a teoria piagetiana: o estágio operatório concreto. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, v. 1, n. 1, p. 134-150, abr. 2014. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074217.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

TEBEROSKY, Ana. **Palavras às professoras que ensinam a ler e escrever** [livro eletrônico] / Ana Teberosky; coordenação Beatriz Cardoso, Angélica Sepúlveda. – 1. ed. – São Paulo: Editora Moderna, 2020. Disponível em <https://www.fundacaosantillana.org.br/wpcontent/uploads/2020/11/palavrasasprofessoras.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.